

## **NA ROTA DOS ORIXÁS: DISCUTINDO O PRECONCEITO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NA ESCOLA.**

Autor (1): Thaís de Oliveira e Silva; Co-autor (2): Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo.

*Universidade Estadual da Paraíba UEPB – PPGFP*

*thaisblos@gmail.com; patriciacaa@yahoo.com*

### **Resumo:**

O sistema de ensino brasileiro ainda apresenta uma postura homogeneizadora, considerando uma igualdade de sujeitos escolares, sem levar em consideração, as culturas, práticas, saberes, identidades, que apontam para a diversidade de sujeitos educativos escolares. Observando que a diversidade ainda é um desafio dentro de sala de aula, pois também é assim na sociedade, que refletimos neste artigo sobre a diversidade étnico-cultural na perspectiva da religiosidade. A escola ainda é cenário da intolerância religiosa, mesmo diante da liberdade garantida por lei para as práticas religiosas, entre elas destacamos as religiões de matriz africana. A intolerância para com essas religiões é algo grave que deve ser discutido em todas as instâncias principalmente dentro da sala de aula, portanto o presente trabalho tem objetivo analisar as representações que os alunos têm sobre as religiões afro-brasileiras a partir do documentário na *Rota dos Orixás* (1998) que mostra as ligações da diversidade cultural religiosa brasileira com a africana. Utilizamos pressupostos da etnografia para a pesquisa que foi realizada durante as aulas de história em uma turma do segundo ano do ensino médio do turno manhã da escola, nosso lócus foi a Escola Estadual Monsenhor José Borges de Carvalho que se localiza no município de Alagoa Nova (PB). Como referencial teórico discutimos as relações socioraciais no Brasil com base em Santos (2009), sobre racismo na escola dialogamos com Munanga (2005), o conceito de representação de acordo com Chartier (1990) e de preconceito com Sant'Ana (2009) e para pesquisa etnográfica nosso referencial é Angrosino (2009) e Mattos (2011). Propomos analisar como os alunos percebem as religiões afro-brasileiras a partir de suas representações elaboradas em relação as mesmas e como a partir desta representação construída, desenvolvem atos de preconceito. Consideramos sumamente, importante abordar esta temática em sala de aula a partir de uma educação para as relações étnico-raciais.

Palavras-chaves: Religiões afro-brasileiras, Educação para as relações étnico-raciais, Intolerância religiosa.

### **Introdução**

O processo colonizador pelo qual nosso país esteve exposto por mais de três séculos respingou em toda formação da sociedade brasileira, no que se refere à política, a economia e também as relações sociais. Portanto, para falar sobre as desigualdades sociais no Brasil hoje temos de voltar a este passado colonial e compreender que uma elite agrária, branca, escravocrata e cristã concentrou o poder político e econômico e que também foi responsável pela hierarquização da sociedade brasileira baseada na cor, o que nos aponta a desigualdade socioracial. Nesta pesquisa nos propusermos a identificar a partir dos pressupostos etnográfico como os alunos percebem as

religiões afro-brasileiras a existência do preconceito e se isto implica na resistência ao tratar desta temática em sala de aula.

Após a aprovação da lei n.º 10.639/2003<sup>1</sup> e a lei n.º 11.645/08<sup>2</sup> aos poucos os conteúdos referentes ao estudo da História e Cultura africana e afro-brasileira vem sendo inseridos nas aulas de História. A lei foi aprovada há treze anos, mesmo assim ainda observamos como é desafiador tratar desta questão em sala de aula principalmente no que se refere às religiões afro-brasileiras o que justifica a escolha deste tema para a escrita deste trabalho. Observa-se que existe uma concepção já formada do outro, ou seja, um preconceito e que começou a ser construído no nosso passado colonial, portanto é difícil romper com estes estereótipos que já são parte do senso comum que se nega a reconhecer e entender o outro. Eu, enquanto professora de História, percebi esta problemática ao trazer os conteúdos referentes à História e Cultura afro-brasileira para sala de aula, e o desafio se tornou ainda maior quando entramos no campo da religiosidade, sendo assim me atentei a necessidade de um estudo a partir deste tema.

Discutiremos as relações socioraciais e suas implicações no Brasil com base em Geovanilda Santos (2009), sobre o Racismo na escola dialogamos com Kabelengue Munanga (2000) e preconceito de acordo Antônio Olímpio de Sant'Ana (2000), utilizaremos como referencial teórico na pesquisa etnográfica Michael Angrosino (2009) e Carmen Lúcia Guimarães Mattos (2011). Para realização da pesquisa assim como a análise de dados colhidos nesta optou-se pela utilização dos pressupostos da abordagem etnográfica. Nosso lócus é a escola Monsenhor José Borges de Carvalho, a pesquisa foi realizada no ano de 2016 em uma turma do segundo ano do ensino médio do turno manhã, no qual eu atuei enquanto professora de história. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados a observação participante, a análise de documentos e as entrevistas.

### **A rota dos Orixás nas aulas de História**

A pesquisa se deu a partir da exibição do Documentário *Na Rota dos Orixás*<sup>3</sup> (1998) que apresenta a grande influência africana na religiosidade brasileira. Este documentário nos mostra os cultos afro-brasileiros e a partir disto aponta a ligação cultural entre a África e o Brasil

<sup>1</sup> Que trata da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro Brasileira.

<sup>2</sup> Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena

<sup>3</sup> O documentário faz parte de uma série de quatro documentários chamada Atlântico Negro produto da parceria entre o videomaker Renato Barbieri e o historiador Victor Leonardi.

considerando as raízes destas religiosidades nos cultos africanos. São visitados pelos produtores os locais de prática da religiosidade afro-brasileira no Brasil e também das religiões africanas na África onde são entrevistados seus líderes além de especialistas em história afro-brasileiras que reafirmam esta ligação e a sua importância para a resistência desta cultura.

A pesquisa foi realizada na escola Monsenhor José Borges de Carvalho que se localiza no município de Alagoa Nova, a 28km de Campina Grande, cidade pequena que possui uma população 19.146 habitantes. Ela funciona nos três turnos, esta possui nove turmas do ensino fundamental II, cinco pela manhã e quatro no turno tarde, mas seu grande público é o ensino Médio já que é a única escola da cidade que oferta esta modalidade. Pela manhã são quatro primeiros anos, três segundos anos e dois terceiros anos, pela tarde são cinco primeiros anos, três segundos anos e dois terceiros anos. No turno noite a escola tem um primeiro ano regular e um segundo ano regular e as turmas de EJA dos ciclos referentes ao ensino Médio.

A turma do segundo ano do ensino médio foi a escolhida para a realização desta pesquisa porque faz parte do conteúdo do segundo ano o estudo da História e da Cultura afro-brasileira no processo de colonização do Brasil. São vinte e dois alunos, destes treze são meninas e nove são meninos, a faixa etária da turma é entre dezesseis e dezoito anos. A sala é bem diversificada, há dois alunos repetentes, uma aluna que se afastou da escola por causa de um filho e depois retomou os estudos, e os demais já estudam na escola desde o ensino fundamental, só há um novato que veio de outra cidade. Todos os alunos da sala são cristãos, alguns fazem parte grupos da juventude da igreja e outro aluno que não esteve presente nos dois dias da observação não por opção, pois observando sua frequência na caderneta ele falta muito, canta na igreja evangélica no qual ele faz parte.

A observação participante é considerada um instrumento da Etnografia, onde o pesquisador busca tornar-se cada vez mais um participante para obter acesso ao campo e às pessoas. (FLICK, p.208). A observação apresenta três fases distintas, a observação descritiva que acontece no início da pesquisa, onde o observador vai descrever o campo em toda sua complexidade, a focalizada onde este se volta para as questões pertinentes a pesquisa e a seletiva que finaliza o processo, já na coleta de dados onde são selecionados os indícios e exemplos para a pesquisa (SPRADLEY *apud* FLICK, p.208) sendo assim, considerando o meu papel neste trabalho como professora e pesquisadora observei o familiar como estranho e me atentei as recorrências.

A exibição do documentário aconteceu em dois encontros, com intervalo de uma semana entre cada, na primeira aula foi exibido mais da metade do documentário que foi finalizado na semana seguinte quando foi requerido dos alunos um relato escrito com aquilo que eles assistiram que mais lhes chamaram a atenção e que justificassem suas escolhas. Com os relatos produzidos, após a leitura destes documentos e do diário de campo, na aula seguinte foi feita uma entrevista através de uma conversa com o grupo sobre o documentário, onde foram selecionadas as falas de três alunos para a validação dos dados.

De acordo com Michael Angrosino (2009) “*observação participante significa que você enquanto pesquisador está interagindo diariamente com as pessoas em estudo*” (p.46). Portanto eu como pesquisadora e professora tenho como campo de pesquisa a minha própria sala de aula, realizando uma observação participante com meus alunos de maneira em que eu posso identificar através deste método se existe representações preconceituosas baseadas em estereótipos associadas a estas religiões na nossa sociedade e que por isto há entre meus alunos uma resistência em conhecer e discutir a religiosidade afro-brasileira em sala de aula.

### **O preconceito das Religiosidades Afro-brasileiras na sala de aula**

As religiões afro-brasileiras tiveram origem com a chegada dos negros que foram trazidos para aqui serem escravizados. A estes foram negados, além da liberdade, as práticas culturais o que inclui a religiosidade, porém apesar da dominação houve a resistência, através desta houve o surgimento das religiões afro-brasileiras. De acordo com SANTOS (2012) estas religiões surgiram dos diálogos com as culturas indígenas e das negociações com os poderes dominantes que no referido caso era a Igreja Católica e a Coroa Portuguesa que após a independência daria lugar ao Império do Brasil. Essas interações projetariam estas religiões que nasceram no Brasil a partir das tradições religiosas africanas e dos elementos católicas, espíritas, aspectos das cosmologias indígenas, misticismo oriental e neo-esotérico que foram incorporados em graus variáveis.

Durante a nossa história colonial, as crenças afro-brasileiras só puderam subsistir de modo disperso por meio de “batuques”, entendidos por parte dos senhores de escravos (outros costumavam reprimi-los) como divertimentos úteis para manter a paz nas senzalas. Desse período, passando pelo evolucionismo social em voga na segunda metade do século XIX, os templos afro-brasileiros foram alvos de desqualificação, perseguições policiais e foram apontados como “antros de feitiçaria”, “curandeirismo” e “charlatanismo”. (CEERT, apud FELINTO, 2012, p.19).

Essa trajetória das religiões afro-brasileiras nos aponta como desde sua origem, elas têm sido alvo de perseguições, de preconceitos e de estereótipos negativos, pois desde o período colonial foram marginalizadas e proibidas por serem uma prática também de resistência a dominação cultural hegemônica. Diante disso foram difundidas no Brasil durante séculos, principalmente através do campo das subjetividades, representações negativas destas religiões, que foram construídas de maneira coletiva e onde identificamos relações de poder.

De acordo com Santos (2009) a desigualdade socioracial existe no Brasil, pois se observarmos do ponto vista da formação da população, à medida que sobem as camadas sociais na pirâmide social são embranquecidas (2009, p.29). Isto nos mostra que a maioria da população das camadas pobres são negras, e esta desigualdade se perpetua, herdeira da sociedade paternalista e etnocêntrica que se mantém no poder econômico e político neste país. O lugar do negro no Brasil é carregado por desigualdades, e estas foram produzidas principalmente no contexto do pós-abolição, entre essas desigualdades destacamos aqui o acesso à educação e representação da memória coletiva negra a partir dos currículos escolares.

Segundo Santos (2009) as leis que favoreceram o combate ao racismo no Brasil aconteceram em um processo lento e gradual devido à pressão social com a organização do Movimento Negro, desde a década de oitenta, durante o processo de redemocratização, a exemplo Lei nº 7.716/1989, que ficou conhecida como Lei Caó que determinava o racismo como crime (2009, p.79). Para combater o racismo e valorizar a cultura e história do negro e do índio neste país, medidas vêm sendo tomadas pelos últimos governos, e a educação é um dos cenários aonde estas medidas vêm sendo implementadas.

No início da pesquisa, antes da exibição do documentário, foi informado aos alunos para produzirem um relato que comentasse o que mais lhe chamou atenção e explicando o motivo. Ao todo foram entregues dezoito relatos, pois quatro alunos da turma faltaram no dia em que foi feita a produção de texto após o fim da exibição do documentário. Nos documentos coletados a partir dos relatos produzidos pelos alunos, foi constatado que maioria deles só descreveu o que viram no vídeo, selecionando em grande parte o referente à escravidão e ao tráfico de escravos.

Os relatos descrevem a fala do narrador ou das pessoas que fazem parte do vídeo comentando a temática, alguns parágrafos não têm conexão com o seguinte, porque eles selecionaram trechos de diferentes momentos do documentário, dando ênfase aos que falavam sobre a Escravidão. Como no trecho abaixo retirado do relato da aluna Letícia (os nomes dos sujeitos serão fictícios).

O documentário fala sobre a vinda dos africanos escravos para o Brasil. Os escravos destinados à América eram trocados por bugangas. Eles os obrigavam a esquecer sua origem, eram tratados como se fossem nada.

Como foi apontado anteriormente o foco do documentário são as religiões afro-brasileiras, mas assim como Letícia muitos alunos da turma não atentaram para este fato e não citaram em nenhuma parte de seu relato a religiosidade, somente citando a relação entre Brasil e África através da dança e da música. Consideramos que voltar a atenção para a escravidão ao invés da religião é um fato que representa a resistência em debater esta temática. A recorrência que foi encontrada na entre os dados foi a associação do vodu com o anjo da guarda, entre os alunos que citaram as religiões africanas e afro-brasileiras foi selecionada uma fala do narrador quando esta explicando o culto aos voduns no Benin e sua relação com o Tambor de Mina do Maranhão, o narrador diz que o vodu é uma espécie de anjo da guarda. Os alunos selecionaram essa fala, e ela apareceu em metade dos relatos produzidos por eles.

Este ponto foi relevante, pois foi considerado que eles selecionaram isto devido a própria religião deles, já que todos são cristãos e o anjo da guarda faz parte da religião cristã. Já que os alunos têm pouco conhecimento sobre as religiões afro-brasileiras o ponto de referência que eles têm é a sua própria religião. Durante a conversa com Victor, um dos alunos que fez esta associação em seu relato, foi identificado que ele usa a sua religião como reflexo para descrever as religiões afro-brasileiras.

Victor: Eles estavam fazendo macumba.

Pesquisador: E você vê isso como algo negativo?

Victor: É ruim, para eles é bom, mas pra mim é ruim.

Observamos o outro através de nós mesmo, fazemos uma concepção deste através do nosso próprio reflexo, sem levar em consideração o outro enquanto sua identidade sócio-histórico-cultural. O diferente pode ser concebido como uma ameaça à ordem trazida pela tentativa de homogeneização, *“por isso, inúmeras são as tentativas de desqualificação, superposição,*

*desvalorização, anulação, negação, e exclusão dos diferentes.*” (FLEURI, 2013, p.23). Através da fala de Victor podemos identificar as representações das religiões afro-brasileiras, que são negativas e preconceituosas, o que contribui para desvalorização destas religiosidades. De acordo com Chartier (1990) as representações se constroem no mundo a partir de um grupo dominante que as impõe aos demais que como resultado acabam produzindo estratégias. As práticas têm como objetivo legitimar ou justificar aos sujeitos dessa sociedade suas escolhas e sua conduta. A representação está na base da construção de uma sociedade, para assim compreender seu modo de viver e ver o mundo, suas crenças e valores. O preconceito que negativiza as religiões afro-brasileiras estão na nossa sociedade e conseqüentemente na escola. Como foi observado na fala da aluna Carla:

Carla: Eles tavam fazendo macumba professora...tavam lá todo se tremendo, isso é macumba!  
Pesquisadora: E o que é macumba?  
Carla: é uma coisa ruim.

É importante destacar aqui que estas falas não estavam nos relatos escritos de Carla nem de Victor, assim como também não apareceram na de nenhum outro aluno, pois no vídeo não é feita esta associação. Além de Victor e Carla, a aluna Mariana também respondeu quando foi questionada sobre o que viu e o que chamou sua atenção: “Eu vi macumba”. Portanto observamos quanto é desafiador em sala de aula trazer a temática das religiões de matriz africana, e é através destas falas que percebemos as representações preconceituosas, pois os alunos repetem estes estereótipos. Por isto temos de nos voltar para desconstrução do preconceito antes de atentar para o fato de discutir tais temáticas em sala de aula. De acordo com Antônio Olímpio de Sant’Ana:

Preconceito é uma opinião preestabelecida que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular ele permeia toda a sociedade tornando-se uma espécie de mediador de todas as relações humanas. Ele pode ser definido também, como uma indisposição, um julgamento prévio negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. (2013, P.64)

O estereótipo segundo o autor é a prática do preconceito, pois é a sua manifestação comportamental. O estereótipo padroniza um comportamento e o aplica como determinante a um grupo e isto resulta em um preconceito que o justifica ou legitima. A invisibilidade e marginalização que as religiões afro-brasileiras são produtos de um racismo cultural. Onde observamos a desvalorização da cultura negra, de origem africana que está associada ao racismo, ao preconceito de cor, mas que não está apenas restrito a isto, pois como coloca Geovanilda Santos



(2009) também é social, onde o negro está relacionado à pobreza. Portanto o preconceito com as religiões de matriz africana é consequência de um racismo sociocultural.

Através da educação para as relações para as relações étnico-raciais é preciso considerar uma nova prática pedagógica que estabeleça um diálogo entre as diferenças em sala de aula. Para que se enfoque como estes estereótipos foram criados a partir de um processo histórico e quais os interesses que haviam por trás da intenção de negativizar e demonizar as religiões de matriz africana, isto considerando as aulas de história. Observamos como se faz necessário a problematização do lugar do negro na sociedade brasileira e do processo histórico de construção das representações da cultura negra no Brasil. Os sujeitos da pesquisa são estudantes do Ensino Médio que frequentavam as aulas de Ensino Religioso no ensino fundamental, já que a escola oferta a disciplina do sexto ao nono ano, então se espera que o aluno já tenha algum conhecimento que faça referência às religiões afro-brasileira, porém não foi isto que observamos durante as pesquisas.

A educação para as relações étnico-raciais pode vir a ser o caminho para trazer a luz questões como esta, que estão calcadas em nossa sociedade e que tendem a serem naturalizadas no discurso monocultural e dominador. Portanto “o estudo, a pesquisa e o diálogo sobre a diversidade cultural religiosa se apresentam como um dos elementos para a formação integral do ser humano que podem encaminhar vivências fundamentais no conhecer, respeitar e conviver com os diferentes e as diferenças.” (FLEURI, 2013, p.20) Conhecer e respeitar a diversidade cultural religiosa é estabelecer a dignidade humana e promover os Direitos Humanos.

### **Considerações Finais**

Existe dentro da escola um silêncio com relação à discussão sobre a temática das religiões de matriz-africana, isto se dá pela resistência por parte dos alunos, e nisto também podemos incluir a comunidade escolar, em tratar destas questões em sala de aula. Devemos desconstruir o preconceito, e apontar como a intolerância religiosa para com as religiões afro-brasileiras é resultado de uma desigualdade sócio-racial e que, portanto trata-se de racismo. É papel da educação favorecer uma cidadania crítica e participativa onde os cidadãos e cidadãs se implicam na dinâmica da sociedade. É necessário que a prática educativa questione, identifique e desconstrua nossas suposições, promova experiências de interações, forme sujeitos de direitos, favoreçam o empoderamento e dessa forma contribuir para a afirmação da dignidade humana (AKKARI e SANTIAGO; 2015).



Faz parte dos Direitos Humanos a garantia do respeito à diversidade cultural, nisto incluímos a religião, já que como apontamos anteriormente esta é uma prática cultural. Consideramos a escola um lugar de promoção dos Direitos Humanos, e isto inclui o respeito à diversidade religiosa e liberdade de crença. Porém com a existência do preconceito isto acaba se tornando um desafio, não observamos na sociedade e por consequente na escola o respeito e reconhecimento da liberdade de religiosa, uma vez que uma criança ou um adolescente se sinta marginalizado ou excluído devido a sua religião, por causa da ausência dela nos conteúdos o que se configura no desconhecimento por parte da comunidade escolar e isto pode se apresentar como um empecilho a este reconhecimento.

Sendo assim, é necessário promoção de uma prática educativa inclusiva onde os sujeitos praticantes dessas religiões se sintam parte do currículo ideal e do real. Através desta pesquisa podemos perceber a representação que os alunos possuem das religiões afro-brasileiras e associar isto ao que observamos na sociedade com relação a negatividade destas práticas religiosas, que são resultados de uma construção histórica que mostra a desvalorização da cultura afro-brasileira. Por isso compreendemos a importância da educação para as relações étnico-raciais no que se refere à problematização desta temática nas escolas com a comunidade escolar, oferecendo o suporte necessário para que a escola se torne o lugar da desconstrução dos estereótipos negativos, do racismo, e para a construção da alteridade e do respeito à diversidade religiosa brasileira. Cabe aqui ressaltar que não nos referimos apenas às religiões de matriz africanas mais a diversidade religiosa como um todo, pra que desta forma a educação cumpra seu papel de formadora de cidadãos críticos e de promoção de uma sociedade inclusiva.

### **Referências Bibliográficas**

Atlântico Negro: Na Rota dos Orixás. Direção: Renato Barbieri. Brasil.1998.

AKKARI, Abedeljalil.; SANTIAGO, Mylene Cristina. **Diferença na educação: do preconceito ao reconhecimento.** Revista Teias, v.16, n.40, 28-41, 2015.

ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante; Tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Porto Alegre:Artmed, 2009.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e**

**Africana.** Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília, 2013.

CANDAU, Vera Maria.; SACAVINO, Susana Beatriz . **Educação temas em debate.** Rio de Janeiro: 7letras, 2015.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** Entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990.

FELINTO, Renata (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula:** Saberes para os professores, fazeres para os alunos. Belo Horizonte: Fino Traço Editora Ltda., 2012.

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.) **Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver.** Blumenau: Edifurb, 2013.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, 2005.

MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Autores. 298 p. ISBN 978-85-7879-190-2. Disponível em: <http://books.scielo.org>.

SANTOS, Gevanilda. **Relações Raciais e Desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2009.